

A automação do ponto de vista humano.

VILÉM FLUSSER

Decidi modificar a minha contribuição ao presente simpósio, à luz das exposições dos srs. Milton Vargas, Luigi Bagolini e Renato Czerna, feitas ontem. A tese do prof. Vargas parece ter sido a seguinte: O problema da atualidade a ser discutido no presente simpósio é a discrepância entre a ciência e seus produtos de um lado, e a incapacidade de humanidade de ser servida por eles com discriminação de outro. Essa discrepância resulta no uso maléfico dos produtos científicos que nos caracteriza e que nos ameaça. Mas essa situação não é necessariamente definitiva. A ciência, (que é a única autoridade para o homem moderno), ultrapassará a discrepância quando conseguir manipular a humanidade no sentido de torná-la apta a usar convenientemente os produtos da tecnologia. Tendências para essa superação podem ser apontadas na psicologia da profundidade, que pesquisa e torna controlável as energias psíquicas até agora perniciosas, como a física conseguiu pesquisar as energias nucleares e torná-las controláveis. De modo que a esperança para a solução dos problemas levantados pela ciência é o contínuo avanço da mesma ciência.

Discorde frontalmente. Não apenas, porque não me parece ter sido feliz o exemplo dado. A energia nuclear tem sido, efetivamente, provocada pelo avanço tecnológico, e neste sentido a ciência pode ser dita responsável pela explosão em Hiroshima. Mas a energia psíquica explode à revelia da ciência, e esta não pode ser responsabilizada por explosões do tipo "noite das facas compridas". (Embora o fascismo e o nazismo terem tentado racionalizar as suas brutalidades por um cientifismo que não passa de caricatura). Mas discorde não apenas por ter sido infeliz o exemplo. A ciência nunca poderá manipular a humanidade no sentido de dar-lhe modelos de comportamento, pela simples razão de não ser a ciência competente para imperativos. A ciência se caracteriza pela sua neutralidade valorativa, (ela é "wertfrei"), e deixa de ser ciência no mesmo momento no qual é "aplicada", (isto é: inserida na "política" no sentido de "manipulação de modelos de comportamento"). Este fato é, com efeito, o problema da tecnologia, inclusive da automação que é o tema deste ensaio. Uma psicologia aplicada, (como a recomendada pelo prof. Vargas), deixaria de ser ciência para ser tecnologia, e, neste sentido, ideologia. Já tem sido discutido, neste simpósio, o aspecto ideológico do freudismo. A sociologia marxista sofre o mesmo destino. Se esperarmos da ciência que ela resulte no "novo homem", (no sentido marxista, freudiano, nietzscheano ou jungiano), teremos confundido ciência com ideologia. A ciência não nos salvará jamais de impasse criado pela tecnologia, e procurarei demonstrar este fato no que se segue: Para fazê-lo resumirei a história da humanidade, escolhendo três acontecimentos que me parecem ser decisivos. O primeiro, que é aquele pelo qual a história humana se inicia, é aquela revolução étnica pela qual o homem se distancia da sua circunstância e se assume enquanto sujeito da natureza. Nessa virada o homem passa a encarar a natureza como seu objeto, isto é: como algo que é, mas que não é como deve ser, e que pode ser transformado naquilo que deve ser pela ação humana. O "dever ser" da natureza é concebido, neste primeiro estágio da história humana, como uma série de modelos eternos, imutá-

VILÉM FLUSSER

veis e transhumanos. Portanto: o homem vai transformando a natureza ao imprimir sobre ela modelos tidos por ele como transhumanos. Nessa atividade transformadora o homem vai se utilizando de instrumentos, que são pedaços da natureza arrancados do seu conjunto e virados contra este. Torna-se necessário descrever os instrumentos.

Os instrumentos são simulações de corpo humano, e neste sentido ~~im~~ prolongamentos do corpo humano. "Simulação" é imitação que exagera um determinado aspecto do original e despreza os demais. Por exemplo: um martelo é simulação de punho, porque exagera o aspecto "peso" e despreza outros. Uma flecha é simulação de dedo, porque exagera o aspecto "perfuração", e despreza os outros. Simulantes são muito menos complexos que os originais simulados, dada a sua pobreza relativa de estrutura. Mas no aspecto exagerado são muito mais eficientes que os originais simulados. Por isto aumentam os instrumentos enquanto simulantes a eficiência da ação humana sobre a natureza. Com efeito: a história humana poderia ser enfocada como um crescente exagero de certos aspectos de certos órgãos. Teríamos, a partir do punho, desenvolvimentos de tipo: pedra, martelo, bala de canhão e bomba atômica, e a partir do dedo, desenvolvimentos de tipo: esse, lança, flexa, bala de revólver e foguete. Outras árvores genealógicas poderiam ser construídas com facilidade, tomando outros órgãos do corpo como ponto de partida. Por mais que a eficiência do instrumento aumente pelo exagero da simulação, nunca, por si só, problematizará a relação "homem-instrumento". Porque nunca se romperá, por si só, a estrutura da relação que é: "homem(sujeito)-instrumento(objeto)", dada a maior complexidade do original em relação com o simulante. A época instaurada por esta primeira revolução perfaz a enorme maioria da história da humanidade, na qual a relação "homem-máquina" não é problema.

O segundo acontecimento decisivo na história da humanidade é aquela revolução, (chamada, em vários contextos, "humanismo" ou "renascimento"), pela qual o homem se assume como produtor e convencionalizador dos modelos. Nessa segunda virada o homem não encara apenas a natureza como seu objeto, mas também os modelos, ("valores"), como seus produtos. Deravante não apenas vai manipulando a natureza com modelos, mas vai manipulando os próprios modelos. Estes, de eternos e imutáveis, passam a ser efêmeros e invalidáveis. Essa revolução é, no fundo, uma reformulação do termo "teoria", que passa de contemplação de modelos eternos para manipulação de modelos invalidáveis. O resultado é a ciência no sentido restrito do termo, e que é uma disciplina na qual teoria e praxis se implicam mutuamente, e na qual teorias são manipuladas. E a ciência, por suavez, resulta numa revolução no campo de instrumentos, revolução esta chamada "revolução industrial" em vários contextos. Deravante os instrumentos deixam de simular diretamente os seus originais, mas passam primeiro pelo crivo de uma determinada teoria, efêmera e modificável. Se compararmos um tear manual com um tear mecânico, constataremos o seguinte: uma análise fenomenológica do tear manual revelará, como seu eidos, dedos huma-

VILÉM FLUSSER

nos que tecem. Uma análise fenomenológica do tear mecânico revelará, além disto, uma determinada teoria da física do século 18. O fato de terem passado os instrumentos pelo crivo da teoria não aumenta apenas a sua eficiência como simulantes, mas cria toda uma série de problemas novos. Um entre esses problemas diz respeito a variabilidade crescente das formas dos instrumentos, "chamada progresso". Um outro diz respeito à crescente complexidade e ao crescente custo dos instrumentos, de forma que surge a pergunta: "Quem é o dono dos instrumentos e quem deve sê-lo?". Esta é uma das perguntas mais características do século passado, e é o marxismo que a formula com uma insistência significativa.

Mas o problema que interessa no presente contexto é este: os novos instrumentos que surgem com a revolução industrial problematizam, de certa forma, a relação "homem-instrumento". Surge um novo tipo de homem, (o "proletário") que funciona em função de instrumento, e não vice-versa. A estrutura da relação parece ter sido revertida. Não mais se caracteriza assim: homem cercado de instrumentos, mas assim: instrumento cercado de homens. O problema não é, no entanto, insolúvel. Por mais complexos que sejam os instrumentos, os originais continuam mais sofisticados. Apenas se deu o seguinte: a humanidade ficou dividida em duas "classes": os donos e os funcionários dos instrumentos, de maneira que os instrumentos formam apenas uma mediação entre os dominantes e dominados. Continuam objetos dos dominantes, e o problema pode ser liquidado pela solução da divisão da humanidade em classes.

O terceiro acontecimento decisivo na história da humanidade é extremamente recente, e pode ser chamado "automação" ou "cibernética". Consiste num terceiro passo do homem, pelo qual o homem se assume como seu próprio sujeito. Não apenas encara a natureza como seu objeto, e os valores como seu produto, mas encara-se a si mesmo a partir de uma nova transcendência sem fundo. A partir dessa "Bodenlosigkeit" pode o homem deravante não apenas simular seus órgãos, mas inclusive a si mesmo enquanto agente. É verdade que os novos instrumentos parecem simular cérebros humanos, (portanto "órgãos"), mas simulam efetivamente decisões humanas, (portanto o aspecto "agente"). Esse novo tipo de instrumento continua sendo simulante, isto é: infinitamente menos complexo que o original simulado. Mas é simulante também neste sentido: muito mais eficiente no aspecto exagerado, isto é: na capacidade decisiva. Ao ter o homem desta forma simulado como agente, parece que se inicia uma nova fase da história, uma fase na qual o homem passa a ser eliminado dessa história como agente.

Os problemas dessa segunda revolução industrial são de inteiramente nova ordem, porque efetivamente invertem a relação "homem-instrumento". Em nada adianta querer minimizar a revolução com a afirmativa que os novos instrumentos são resultados da manipulação humana e continuam dependendo da programação humana, e neste sentido continuam objetos humanos. Esse tipo de raciocínio ignora o fenômeno da "autonomia". Autonomia é aquele salto pelo qual uma es-

VILÉM FLUSSER

estrutura que se originou de outra passa a explicitar regras apenas implícitas na primeira. Quando o salto se dêr, a nôva estrutura passa a independêr da antiga, e deixa de ser explicada por ela. Per exemplo: o homem pode ser considerado estrutura que se originou da estrutura dos primatas. Mas o homem se autenemizou dos primatas, no sentido de explicitar regras apenas explícitas nos primatas. Per exemplo: a capacidade para a matemática deve estar implícita nos primatas, (já que está no homem, e nada surge de nada), mas no homem ela se tornou explícita e portanto efetiva. Embora portanto o homem possa ser explicado genéticamente como primata, a explicação não é satisfatória e deve ser substituída por outra. Com efeito: sabemos que dada a autonomia do homem em relação aos primatas, este pode por feed-back programar, por exemplo, chimpanzés enjaulados e fazer com que fumem charutos e andem em bicicleta. Da mesma forma é perfeitamente legítimo, dada a tendência dos instrumentos automatizados para a autonomia, prevêr uma crescente inversão do fluxo da programação entre homem e instrumento. Com efeito, a humanidade atual já é programada parcialmente pelos instrumentos, e seu comportamento já denota, parcialmente, um caráter caracteristicamente instrumental e funcional, (i.e.: o homem se funcionaliza). Dizer que os instrumentos cibernéticos continuam sendo programados por homens, é dizer, já agora, que os instrumentos se re-programam por retro-alimentação, usando para tanto homens.

Pois esta visão pessimista do futuro próximo, (pessimista do ponto de vista do homem "agente", portanto de um ponto de vista possivelmente superado), encontrou uma articulação expressiva na controversia implícita nas contribuições que fizeram a este Simpósio os prof. Luigi Bagolini e Renato Czerna. O prof. Bagolini proclamou a morte do antropocentrismo, o qual, conforme creio, significa para ele aproximadamente aquilo que representa para mim "o segundo acontecimento decisivo". E anuncia uma nova atitude aberta para o transcendente, atitude aproximadamente idêntica àquela que chamei de "terceiro acontecimento decisivo". Na análise do prof. Bagolini, essa nova atitude é uma superação do historicismo, e nisto concorda totalmente com a análise aqui oferecida. Mas discorda da apreciação ontológica por mim oferecida. Para mim, o terceiro "passo para trás", ("Schritt zurueck" de Heidegger), é dado em direção de um vazio sem valores nem sentido, e resulta em posição absurda. Para o prof. Bagolini esse passo fundamenta o homem no transcendente. A esta afirmativa responde o prof. Czerna ao apontar o fato que toda tentativa de transcender, (toda tentativa para a formalização "sub specie aeterni"), se dá, necessariamente, dentro da história, isto é: dentro do processo de ação humana. O formalismo, longe de superar a história, é explicável historicamente. A história continua sendo o metacanal de todo formalismo.

A contenda ilustra a minha tese da "Bodenlosigkeit" do homem atual, a qual ameaça eliminar o homem como agente, ao substituí-lo pelos instrumentos autônomizados. Porque tanto a posição do prof. Bagolini, quanto a do prof.

VILÉM FLUSSER

Czerna são sustentáveis. É perfeitamente possível explicar o historicismo formalmente,, e nessa atitude o formalismo será metacanal da história, i.e: transcende. É igualmente possível explicar o formalismo historicamente. A hierarquia de explicações é reversível. É exatamente nisto que consiste o terceiro passo para trás: na reversibilidade de todas hierarquias explicativas. É essa reversibilidade implica uma abdicação do homem enquanto ente que decide e age. Abdicação em favor dos instrumentos autônomos, e transformação do homem em consumidor, portanto em ente passivo. Os indícios dessa transformação abundam na cena da atualidade.

É possível encontrar, nessa cena, também indícios de tendências que apontam na direção da existência desse "novo homem". Têm a ver essas tendências com o ato gratuito, com o uso deliberado do acaso, com motivação lúdica, em suma: com jogo e com arte. Mas a consideração dessas tendências ultrapassa o escopo desta contribuição, que se dá por satisfeita em apontar apenas o problema central: inversão do fluxo de programação na relação: "homem-instrumento".